

MODERNIDADE E DISSONÂNCIA: EXPERIÊNCIAS DO CAOS E DA GUERRA NAS ESCRITAS DO EU

Flávia Amparo (UFF/CPII)

Resumo: De que modo os intelectuais reagiram aos anos de caos e crise, entre 30 e 40, marcados pelo horror da Segunda Guerra? Para refletir sobre as escritas da crise, procurou-se analisar a obra de três autores: Stefan Zweig, *Autobiografia: o mundo de ontem* e *O mundo insone*; Walter Benjamin, “Experiência e pobreza”, e Drummond, *Confissões de Minas*. Esse estudo pretende rastrear os traços de Modernidade e Dissonância presentes nesses escritos e, sobretudo, avaliar de que modo a crise da experiência afetou a obra dos intelectuais e impôs novas formas de reflexão e percepção do literário. Como a obra literária pode ressignificar o humano e trazê-lo de volta ao centro do palco na era das máquinas e do poderio bélico?

Palavras-chave: Modernidade; Dissonância; Crise.

*Eu vo-lo digo: é preciso ter ainda um caos dentro de si para gerar uma estrela bailarina.
Nietzsche (Assim falou Zarathustra)*

O pensador Edgar Morin, numa entrevista concedida ao portal *Fronteiras do pensamento*, define a principal crise que nos aflige no século XXI:

A crise geral da humanidade é a crise da humanidade que não consegue se tornar humanidade. Por quê? Porque todos os processos que conduziram essa humanidade a se reunir em um mesmo destino comum são, ao mesmo tempo, processos que nos conduzem a catástrofes futuras. E aqui indico dois aspectos contraditórios ou aparentemente contraditórios da globalização. Ela é a pior das coisas e a melhor das coisas que podem acontecer à humanidade. (MORIN, 2013)¹

A conclusão de Morin é que, se por um lado, tivemos um grande avanço da técnica e da tecnologia nos últimos anos, que nos fez capazes de criar armas de destruição em massa na mesma proporção em que esgotávamos recursos naturais essenciais à vida; por outro, nos encontramos irmanados dentro de uma crise globalizada, interligados pelos mesmos desafios ecológicos, políticos e econômicos. Estamos todos, indistintamente, sujeitos a um destino comum, o que o estudioso denomina de “comunidade de destino”, sendo impelidos, possivelmente, para o nascimento de uma nova concepção de mundo.

1



Portanto, se atentarmos para a história da humanidade, podemos atestar que a crise é o sintoma do esfacelamento de uma dada ordem, para o estabelecimento de uma ordem nova, a implementação de outra forma de organização do nosso mundo.

Para compreendermos esses primeiros 17 anos do séc. XXI, talvez seja necessário olhar para certa tendência de instauração de tensões finisseculares, que marcam a maioria das viradas de século, o que de certa maneira acentua um tipo específico de crise: a da virada dos séculos, como se o desfecho e o início de um novo tempo determinassem um ciclo de caos, crise e transformação. Uma vez que estamos tão mergulhados no contexto atual, debruçar-se sobre o passado costuma ser uma maneira de compreender aspectos comuns entre o hoje e o ontem, de maneira a pensar sobre ambos por um viés mais distanciado. A finalidade desse movimento surge como uma tentativa de compreender aspectos demasiadamente humanos, ou, conforme o que vemos em nosso tempo, demasiadamente desumanos.

Esse estudo pretende, portanto, concentrar-se na análise de algumas obras escritas na primeira metade do século XX, em especial entre os anos marcados pelas duas grandes guerras, captando as vozes de escritores que viveram em diferentes contextos e espaços, e que captaram esses acontecimentos catastróficos pelo filtro da sensibilidade. A partir de observações acerca do cenário mundial, captadas pela experiência individual, esses escritores registraram um momento de crise e de caos pelo viés do literário.

Três escritores foram escolhidos para dialogar sobre esse período de crise, irmanados por uma época em que toda a humanidade provou as consequências de uma loucura coletiva. A escrita surge para esses três autores como uma forma de registro das impressões de um tempo, alerta sobre as vaidades humanas e forma de libertação das memórias retidas: Stefan Zweig (*Autobiografia: O mundo de ontem e O mundo insone*), Walter Benjamin (“Experiência e pobreza”) e Carlos Drummond de Andrade (*Confissões de Minas*). Seus escritos trazem vivências diferentes, mas desembocam na experiência de recontar um tempo, com apurado olhar filosófico, antropológico, e até, profético, e de refletir a respeito do que pode levar a sociedade a extremos, seja em relação à privação e ao sofrimento do outro, seja em relação à aprendizagem da insensibilidade e ao desejo de suplantar o outro, forças capazes de provocar um processo de destruição em massa.

O primeiro sintoma dessa modernidade dominada pela técnica e, pouco a pouco, destituída de humanização decorre do declínio da experiência, em especial da experiência comunicável entre gerações, em que havia uma partilha de saberes entre os indivíduos. Em geral, essa experiência comunicável era transmitida quando os mais experientes



legavam aos mais jovens as tradições do passado para serem levadas adiante e transformadas em pecúlio comum.

Diante de um período de euforia, em que há um encantamento do homem pela máquina e a celebração do futuro como a única temporalidade desejável, Walter Benjamin descreve com pesar a falsa ideia da técnica como padrão de eficácia e de aperfeiçoamento do futuro. Na verdade, como voz dissonante de seu tempo, Benjamin antecipa os resultados decorrentes desse esvaziamento da experiência em favor do “novo”, num processo que ele chama de “galvanização”:

Porque não é uma renovação autêntica que está em jogo, e sim uma galvanização. (...) Pois qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós? A horrível mixórdia de estilos e concepções do mundo do século passado mostrou-nos com tanta clareza aonde esses valores culturais podem nos conduzir, quando a experiência nos é subtraída, hipócrita ou sorratamente, que é hoje em dia uma prova de honradez confessar nossa pobreza. Sim, é preferível confessar que essa pobreza de experiência não é mais privada, mas de toda a humanidade. Surge assim uma nova barbárie. Barbárie? Sim. Respondemos afirmativamente para introduzir um conceito novo e positivo de barbárie. Pois o que resulta para o bárbaro dessa pobreza de experiência? Ela o impele a partir para frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda. Entre os grandes criadores sempre existiram homens implacáveis que operaram a partir de uma tábula rasa. (BENJAMIN, 1994, p.115-116)

De igual modo, Benjamin observa que esse novo tipo de barbárie, advindo dessa pobreza de experiência, não mais se relacionava a um destino individual, mas coletivo, uma vez que a guerra (no caso a Primeira Guerra Mundial) nos havia legado um marco negativo, de esvaziamento de sentido da experiência humanizadora, para dar lugar à aterradora realidade do campo de batalha. O filósofo foi um dos primeiros a perceber que a crise real que se efetuava era a da nossa humanidade que, sem poder competir com o novo padrão de eficácia – a das máquinas – nem com a indústria da crise como estratégia econômica imposta às nações derrotadas na Primeira Guerra, era exposta a situações-limite, às privações mais atrozes, até ser reduzida ao puramente instintivo, esvaziando-a de toda sensibilidade puramente humana.

Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes. Uma geração que ainda fora a escola num bonde puxado por cavalos viu-se abandonada, sem teto, numa paisagem diferente de tudo, exceto nas nuvens, e em cujo centro, num campo de correntes e explosões destruidoras, estava o frágil e minúsculo corpo humano. Uma nova forma de miséria surgiu com esse



monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem.
(BENJAMIN, 1994, p. 115).

Zweig, escritor austríaco, também discorre em sua autobiografia sobre o antes e depois da guerra, mostrando o sepultamento de um velho mundo e o nascimento de um novo modelo de sociedade, pautado na uniformização, na eliminação do diferente, na mecanização do indivíduo e na sua conseqüente desumanização.

A aceleração do crescimento mundial e as grandes descobertas da virada do século – o avião, o telégrafo, o automóvel, o telefone – encurtaram as distâncias entre o presente e o futuro e entre um lado e outro do mundo, mas esse súbito desenvolvimento técnico atingiu diretamente o indivíduo, que, na caixa de Pandora da civilização, confiou demasiadamente que a sua capacidade de criar máquinas e artefatos poderia lhe conceder um poder inigualável no plano das conquistas para além dos limites do corpo, esse “frágil e minúsculo corpo humano”.

A aceleração do tempo conduziu o homem a um ritmo frenético, produzindo um outro tipo de crise: a do tempo ou da falta de tempo. A premência das soluções rápidas e momentâneas não mais possibilita o amadurecimento de reflexões ou de soluções mais seguras e de longo prazo, tornando-nos vítimas de um imediatismo compulsivo e de ações decididas num curto espaço de tempo, o que resulta na precariedade das supostas soluções, ou ainda, em decisões equivocadas que vão gerar outras crises e problemas futuros.

Portanto, uma Primeira Guerra, que poderia ter sido exemplar para evitar a repetição dos mesmos erros do passado, acabou desencadeando questões ainda mais graves entre os países envolvidos e gerando ressentimentos que iriam insuflar a Segunda Guerra. O maior dos “ismos” dos movimentos europeus do pós-guerra, segundo atesta o próprio Zweig, poderia se resumir num único: o “excessãoismo”, pois a experiência de choque da Primeira Guerra havia produzido posteriormente uma febre de juventude, um desafio ousado da nova geração de implodir todos os limites, buscando uma liberdade total, que duraria apenas dez anos, para logo ser substituída pelo seu extremo oposto: o excesso de ordem, o uso da força pelos métodos mais violentos de submissão do fascismo e do nazismo.

Para nós hoje, que há muito riscamos a palavra “segurança” do nosso vocabulário, é fácil sorrir da ilusão otimista daquela geração ofuscada pelo idealismo de que o progresso técnico da humanidade forçosamente traria consigo uma ascensão também rápida em termos morais. Nós, que no novo século, aprendemos a não nos surpreender mais com nenhuma



eclosão de bestialidade coletiva, nós, que de cada dia esperamos ainda mais perversidade que do anterior, somos bem mais céticos em relação a uma educabilidade moral do gênero humano. Tivemos que dar razão a Freud, que viu na nossa cultura, na nossa civilização, apenas uma fina camada que a cada momento pode ser perfurada pelas forças destrutivas do submundo. Aos poucos, fomos obrigados a nos acostumar a viver sem chão sob nossos pés, sem direitos, sem liberdade, sem segurança. Há muito já renunciamos à religião de nossos pais, à sua crença numa ascensão rápida e constante da humanidade. A nós, que ganhamos experiência com a crueldade, aquele otimismo açodado parece banal ante uma catástrofe que nos fez retroceder mil anos de um só golpe em nossos esforços humanos. (ZWEIG, 2014, p. 22)

Tanto Benjamin quanto Zweig percebem que o argumento da técnica, contrariamente às vozes do seu tempo, não resultaria em avanços da sociedade, mas em retrocesso das relações humanas. Também o processo de “galvanização”, citado por Benjamin, é descrito por Zweig como essa “fina camada” de civilidade que pode ser perfurada a qualquer momento pela barbárie, pelos impulsos passionais do homem, tal como Freud havia observado. A experiência do caos e da privação eliminava a experiência social, cultural e humanizadora do homem, resultando no esvaziamento de sua capacidade de sentir, de refletir, de criar laços, de conviver com o outro. Conforme atesta Benjamin:

Podemos agora tomar distância para avaliar o conjunto. Ficamos pobres. Abandonamos uma depois da outra todas as peças do patrimônio humano, tivemos que empenhá-las muitas vezes a um centésimo do seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do “atual”. (BENJAMIN, 1994, p. 119).

Essa “pobreza” de experiência resulta numa espécie de cultura do comum, que, na falta de traços de personalidade, adota um perfil uniformizador, de indivíduos sem rosto e sem voz, que se igualam numa cultura de massificação. Zweig é profético ao observar o novo espírito de massa que surge no período entre guerras, que ele chama de uniformização do mundo a partir do cinema, do rádio, da moda, dos esportes e da dança, no artigo intitulado “Monotonização do mundo” (ZWEIG, 2013, p.211) em que descreve com grande acuidade o fenômeno hoje denominado “globalização”.

Zweig atenta ainda para dois polos geradores de monotonia, localizados em pontos diferentes do globo: Estados Unidos e Rússia, antevendo a futura bipolarização da Guerra Fria. Considerando que o artigo foi escrito em janeiro de 1925, é impressionante a capacidade profética de Zweig ao apontar as consequências e a origem dessa monotonia:

Origem: de onde vem essa terrível onda que ameaça levar de enxurrada tudo o que dá cor à vida, tudo o que é diferente? Qualquer pessoa que já esteve lá sabe: dos Estados Unidos. Os historiadores do futuro um dia haverão de registrar na página seguinte à da grande guerra europeia que na nossa época teve início a conquista da Europa pela América. Mais ainda: já está em pleno curso, mas nós ainda não o percebemos (todos os derrotados costumam pensar muito lentamente). (...) Ainda nos iludimos a respeito dos objetivos filantrópicos e econômicos dos Estados Unidos, quando, na verdade, estamos nos tornando colônias de sua vida, de seu estilo de vida, servos de uma lógica profundamente alheia à europeia: a da máquina.

(...) É dos Estados Unidos que vem a terrível onda de uniformidade que dá a mesma coisa a cada um: o mesmo macacão sobre a pele, o mesmo livro nas mãos, a mesma caneta entre os dedos, a mesma conversa nos lábios e o mesmo automóvel no lugar dos pés. Fatidicamente, do outro lado do nosso mundo, da Rússia, chega-nos a mesma vontade para a monotonia, de maneira transformada: o desejo do parcelamento do homem, da uniformidade da visão do mundo, a mesma vontade pavorosa de monotonia. (ZWEIG, 2013, p.130-131)

Esse visionário estava ciente da sua capacidade de prever o futuro a partir da observação de dados do presente, mas também estava consciente da febre irracional dos intelectuais do seu tempo, partidários de opiniões extremas que só fortaleciam a polarização conveniente aos conflitos e à guerra. Por ser pacifista, foi chamado de covarde e derrotista por grandes amigos; viu amizades de anos serem rompidas numa tarde, pois suas ideias demasiadamente sinceras e sensatas magoavam as fantasias provocadas pelo orgulho patriótico daqueles tempos. Definiu-se a si mesmo como uma Cassandra moderna, destinado a ver a verdade, mas a ser desacreditado pelos seus.

Apenas quando a desgraça se abate sobre a Europa no final da Primeira Guerra é que as ideias de Zweig passam, então, a fazer sentido aos ouvidos, outrora surdos, dos europeus. O ponto principal discutido por ele diz respeito ao papel preponderante dos homens de “razão” no fomento de ideias irracionais desse período, em especial os intelectuais que, traindo o papel humanizador da literatura e das letras, usavam sua pena para fazer propaganda de guerra, o que ele vai chamar de “*Doping da excitação*”:

Guerra necessita da exaltação dos sentimentos, necessita que os beligerantes se entusiasmem pela sua causa e odeiem os adversários. Mas é próprio da natureza humana que os sentimentos intensos não se prolonguem indefinidamente, nem em um indivíduo nem em um povo, e a organização militar sabe disso. Por isso, precisa de um incitamento artificial, de um constante *doping* da excitação, e esse serviço de estimulação deve ser feito – com boa ou má consciência, honestamente ou por rotina – pelos intelectuais, os poetas, os escritores, os jornalistas. Eles tocam o tambor do ódio e bateram com força até doerem os ouvidos mesmo dos imparciais e até fazer estremecerem os corações.



Obedientes, na Alemanha, na França, na Itália, na Rússia, na Bélgica, eles serviram quase todos à ‘propaganda de guerra’ e, assim, ao delírio e ao ódio das multidões, em vez de combater a guerra. (ZWEIG, 2014, p. 212)

É importante constatar que esse *doping* continua sendo um eficiente artifício mesmo na contemporaneidade, e que a maioria das pessoas se deixa influenciar não apenas pela mídia impressa, quanto pela televisiva e virtual, que já deram mostras em nosso tempo da sua imensa parcialidade e dos seus objetivos e interesses voltados para a manutenção de grupos hegemônicos.

A guerra de papel, agora também de *pixels* e *bites*, nunca foi abandonada desde que as massas revelaram sua natureza influenciável e demasiadamente crédula. Contudo, é um equívoco pensar nessa “massa” como as pessoas menos instruídas. O discurso das mídias atinge os espectadores como um todo, daí a imensa necessidade de manter a lucidez num tempo de intolerância, pois quanto mais letrado um indivíduo, quanto mais acesso aos meios da cultura escrita ele tiver, tanto mais poderá servir de ferramenta eficaz de divulgação e replicação desses discursos.

Em muitos aspectos, o cenário do “mundo de ontem”, descrito por Benjamin e Zweig, assemelha-se ao mundo de hoje, em que a indústria da crise é imposta pelos governos por meio da expropriação do direito dos povos e à submissão destes ao medo de perder o pouco que lhes resta. No lugar da melhoria das condições de vida em sociedade, opta-se pela manutenção de um mínimo necessário à sobrevivência de milhares de pessoas.

O mundo contemporâneo encontra-se diante de muitos extremos, entre poderosos impérios governados por milionários e poderosos milionários governados por grandes impérios; entre intelectuais alimentados por seu próprio orgulho e por seus discursos esvaziados, crendo na técnica e na tecnologia por um mundo melhor, sem perceber que tudo isso já suplanta o valor do próprio homem. Existem ainda pequenos indivíduos que creem no materialismo, que se apegam aos seus bens e que acreditam no direito adquirido, quando nenhum direito é garantido nos estados de exceção, enquanto massas de todas as classes sociais são incendiadas pelo ódio – seja ele político, racial, religioso ou de gênero - somadas a multidões de expropriados a vagar pelo mundo sem as condições básicas de sobrevivência.

Memória e experiência, atributos tão descartados numa era de suportes de memória virtual e consumo de novidades, continuam sendo alimentos essenciais da vertente puramente humana e humanizadora da cultura e da sociedade, que nos relaciona a um



todo do qual fazemos parte, a um ontem que se faz hoje, a um viver comum que nos irmana e que nos orienta em relação ao futuro. Memória e experiência: convém partilhá-las sem usura, empreendendo um grande esforço por alcançar um conhecimento menos hermético e, portanto, mais compreensível aos olhos de todos.

Um olhar apurado sobre os anos 30 e 40, sobretudo para observar como os desafios do passado se processam no espaço coletivo do ontem e do hoje, pode ser percebido na obra de Carlos Drummond de Andrade. Em *Confissão de Minas*, diante de um mundo dominado pela técnica, o “frágil e minúsculo corpo humano” parece apequenar-se ainda mais e ser engolido ou aprisionado pelas máquinas e pela estrutura das grandes cidades:

A solidão é niilista. Penso numa solidão total e secreta, de que a vida moderna parece guardar a fórmula, pois para senti-la não é preciso fugir para Goiás ou as cavernas. No formigamento das grandes cidades, entre os rancos dos motores e o barulho dos pés e das vozes, o homem pode ser invadido bruscamente por uma terrível solidão, que o paralisa e o priva de qualquer sentimento de fraternidade ou temor. (...) Desta solidão está cheia a vida de hoje, e a instabilidade nervosa de nosso tempo poderá explicar o fenômeno de um ponto de vista científico; mas, poeticamente, qualquer explicação é desnecessária, tão sensível e paradoxalmente contagiosa é esta espécie de soledade. (ANDRADE, 2011, p. 28)

Apesar de o escritor tratar da solidão, no trecho em destaque, num contexto de análise crítica da obra do poeta romântico Fagundes Varela, é evidente a sua intenção comparativa relacionada à vida moderna, de modo a sobrepor as duas temporalidades. No livro drummondiano, o indivíduo das Minas Gerais filtra o outro pelo viés da subjetividade, buscando refletir sobre o ontem e o hoje e inscrever-se, de modo confessional, nas entrelinhas do discurso. Ora o confessional se constitui pelo discurso das escritas do “eu”, como em “Autobiografia para uma revista”, ora o confessional vem disfarçado pelo ficcional, como em “Um escritor nasce e morre”, embora permeado de semelhanças entre o escrito e o vivido pelo autor.

O contar e o contar-se é uma das portas de acesso à experiência comunicável, uma vez que concede à literatura um papel humanizador num período de crise da experiência, de isolamento do homem e de sobreposição da técnica em detrimento da vivência. O intercâmbio das experiências humanas no espaço da escrita continua sendo uma forma de resistência ao mundo fechado e imutável, constituído por um presente dominado pelo espírito de um tempo que não admite concessões e que se impõe pelo medo. Organizar o caos e, a partir dele, criar um espaço de convivência, ainda que solitária, entre o escritor



e o público, surge como um sopro de vida, de individualidade, que escapa do controle coercitivo e “monotonizador” do mundo.

A reafirmação do perfil dos sujeitos no contexto literário e o consequente interesse do público em narrativas que vão destacar as personalidades e a individualidade dos autores são importantes bases nas quais se fundamentam as identidades modernas e pós-modernas. A pesquisadora Leonor Arfuch destaca a cumplicidade entre autor e leitor nas narrativas biográficas/autobiográficas nos seguintes termos:

Se o valor biográfico adquire sua maior intensidade nos gêneros classificáveis como tais, é possível inferir seu efeito de sentido quanto ao ordenamento das vidas no plano da recepção. São laços identificatórios, catarses, cumplicidades, modelos de herói, “vidas exemplares”, a dinâmica mesma da interioridade e sua necessária expressão pública que estão em jogo nesse espaço peculiar onde o texto autobiográfico estabelece com seus destinatários/ leitores uma relação de diferença: a vida como uma ordem, como um devir da experiência, apoiado na garantia de uma existência “real”. (ARFUCH, 2010, p. 71. grifo do autor)

Os três autores estudados nesse artigo vão fazer de seus relatos, de suas experiências pessoais, matéria viva da literatura, de modo a registrar o espírito de um tempo conturbado por momentos de caos e de crise e marcado pelo declínio da experiência. O espaço literário surge como um campo humanizador, de intercâmbio de conhecimentos, de partilha de saberes. No caso drummondiano, essa partilha também surge como conselho dado às novas gerações no prefácio de *Confissões de Minas* tratando sobre a necessidade de se reformar o conceito de literatura:

Já não tenho medo de escravizar-me à vida, e acho que uma sutileza que não resiste à prova da convivência mais larga é apenas um vício. E digo aos rapazes: Rapazes, se querem que a literatura tenha algum préstimo no mundo de amanhã (o mundo melhor que, como todas as utopias, avança inexoravelmente), reformem o conceito de literatura. (...) Reformem a própria capacidade de admirar e de imitar, inventem olhos novos ou novas maneiras de olhar, para merecerem o espetáculo novo de que estão participando. Se lhes disserem que nada disso é novo e que já houve guerras, e depois armistícios e depois outras guerras etc., etc., não levem a sério essa falsa experiência histórica. Se tudo foi dito, então o remédio é o suicídio sob qualquer de suas formas, inclusive a do beato e precário contentamento de existir na época do rádio e das roupas de vidro. Prefiro acreditar que nada foi feito nem escrito nem descoberto. Que estamos começando a nascer, e que os gênios nacionais e estrangeiros não foram ainda inventados. (ANDRADE, 2011, p. 13-14)

No conselho dado às novas gerações, ecoam as palavras dos mestres de Drummond, em especial as de Mario de Andrade, que na longa correspondência pessoal trocada com



o jovem escritor aconselha-o a despir-se da experiência alheia, acadêmica e tradicional para vivenciar a própria experiência de juventude e construir a literatura advinda dessas vivências no contexto brasileiro, de modo a criar aquilo de que ele sentia falta no universo literário de seu país. (ANDRADE, 2002, p. 67-68)

Se ao jovem Drummond, homem do Novo Mundo, abriam-se novas perspectivas e meios de produzir literatura diante de tudo que ainda restava descobrir e fazer, a Walter Benjamin e a Stefan Zweig, personagens de um Velho Mundo perseguidos pela sombra de Hitler, não restaram muitas opções nesses anos de barbárie, tempos certamente ameaçadores. Diante das incertezas sobre o futuro e a possibilidade atroz de, sendo judeus, serem capturados pelo regime nazista ou de verem a guerra os alcançar mesmo em terras tão distantes, ambos vão cometer suicídio, respectivamente em 1940 (Portbou) e 1942 (Brasil).

A escolha pela morte não se relacionava certamente à escassez de palavras ou à precariedade do existir, mas ao medo da condenação a uma vida esvaziada de sentidos, em que se vissem obrigados à desumanização ou à perda da identidade. Na longa e terrível noite que se abateu na vida desses dois intelectuais europeus, não foi possível entrever a aurora de tempos mais amenos, mas a voz de Benjamin e Zweig continuam vivas em seus escritos, como memória de identidades marcadamente humanas e humanizadoras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Confissões de Minas*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

_____. *Carlos e Mário: correspondência entre Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-te-vi Produções literárias, 2002.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MORIN, Edgar. O caminho para o futuro da humanidade. In: *Fronteiras do pensamento*. (2016). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=81&v=V3t7UFTpDHE. Consulta em: 12 abril 2017.



ZWEIG, Stefan. *Autobiografia: o mundo de ontem: memórias de um europeu*. Trad. Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

_____. A monotonização do mundo. In: *O mundo insone: e outros ensaios*. Tradução: Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.